

# CAMÕES E AS FÓRMULAS LAPIDARES EM *OS LUSÍADAS*

---

Castelar de CARVALHO<sup>1</sup>

## RESUMO

Estudo das frases lapidares em *Os Lusíadas* de Luís de Camões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camões, *Lusíadas*, frases lapidares.

## ABSTRACT:

Study of sententious phrases in *Os Lusíadas* by Luís de Camões.

**KEYWORDS:** Camões, *Lusíadas*, sententious phrases.

## INTRODUÇÃO

Epopéia histórica da nacionalidade portuguesa, o monumental poema épico *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, publicado em 1572, contém 8816 versos, distribuídos em dez cantos e 1102 estrofes em oitava rima. Tem por herói coletivo o povo português (“o peito ilustre lusitano”) e por assunto, fio condutor da narrativa, a viagem de Vasco da Gama às Índias (1497-1499). Camões (1524-1580) celebra o passado nacional e a história da formação do Estado português, por meio da exaltação de seus heróis e guerreiros ilustres, que, na visão triunfalista e patriótica do poeta, desempenharam importante missão civilizadora, “dilatando a Fé, o Império (note-se a precedência da Fé sobre o Império) e as terras viciosas de África e de Ásia”. É bem verdade que essa motivação cristianizadora coexiste com a presença do maravilhoso pagão no poema, mas esse dualismo, aparentemente contraditório, é próprio da literatura renascentista.

Singrando com ousadia e coragem “mares nunca de antes navegados”, os soldados e marinheiros portugueses deram início aos tempos modernos e à era dos grandes descobrimentos marítimos que resultaram na expansão colonial e cultural da Europa sobre os demais povos e continentes. Nesse sentido, na visão nacionalista de *Os Lusíadas*, os portugueses foram pioneiros, pois “entre gente remota edificaram/Novo reino que tanto sublimaram”.

---

<sup>1</sup> Prof. Dr., membro da Academia Brasileira de Filologia.

Além da parte épica propriamente dita (relatos históricos, narrativas de batalhas, descrições da viagem), Camões introduziu no poema aquela que é considerada esteticamente sua melhor parte: a dos episódios impregnados de tocante lirismo, como é o caso da tragédia de Inês de Castro, “a mísera e mesquinha/Que depois de ser morta foi rainha”; da desventura amorosa do infeliz gigante Adamastor, que, metamorfoseado em rocha, confessa patético: “Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo/E, junto dum penedo, outro penedo”; do velho do Restelo (uma das vozes ficcionais da narrativa; para alguns, o próprio Camões), que, “Cum saber só de experiências feito”, procura alertar a consciência nacional contra os inconvenientes morais e políticos da aventura marítima portuguesa, recriminando, em altos brados, a “glória de mandar, a vã cobiça/Desta vaidade a quem chamamos Fama”. Merece também destaque o episódio da Ilha dos Amores, marcado por inusitado erotismo lírico e interpretado como um prêmio de Vênus, a deusa do amor, a Vasco da Gama e aos seus ousados marinheiros, que, nos braços das ninfas sensuais, se refazem dos percalços da atribulada viagem marítima: “Acende-se o desejo, que se ceva/Nas alvas carnes, súbito mostradas”.

Quanto ao estilo de *Os Lusíadas*, este é solene e grandiloquente, numa palavra, é sublime, como é próprio de toda epopeia, sendo importante destacar a mais notável virtude presente no texto: o excepcional domínio de Camões sobre a linguagem, a ponto de ser ele considerado o fixador de nossa língua literária.

Como decorrência do ideário nacionalista e encomiástico do poema, suas estrofes apresentam, não raro, um estilo oratório no qual sobressaem inúmeras frases lapidares, “fórmulas cantantes, que se fixaram na tradição nacional letrada”, como ressaltam Saraiva & Lopes (1985:345). Situam-se, em geral, nos dois últimos versos de cada oitava, com feição de verdadeiros epífonemas, espécie de fecho de ouro a arrematar o pensamento do poeta. Expressas (a maioria) em decassílabos heroicos (tônica nas sílabas 6<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup>), são motivadas por reflexões filosóficas e pessoais, às vezes em tom amargo, às vezes sentencioso ou confessional. Algumas frases tecem-se de observações metalinguísticas, outras de comentários impregnados de puro lirismo ou de religiosidade. Mas o que mais chama a atenção nessas fórmulas lapidares é o tom de exaltado patriotismo presente na maioria delas.

Reproduzimos abaixo as fórmulas lapidares pesquisadas, distribuídas pelos respectivos campos semânticos e acompanhadas de breve comentário elucidativo. Observe-se que, em alguns casos, foi necessário citar mais de dois versos, para evitar que o pensamento do poeta ficasse desfigurado. Em outros casos, basta um verso isolado para configurar o exemplo (Cantos I, 68 e III, 138).

Fórmulas Lapidares

## Metalinguagem

Observações do autor sobre o seu processo de criação poética e sobre a valorização da linguagem literária. Revelam muito engenho (talento) e muita arte (técnica), apesar de Camões, por falsa modéstia, dizer-se privado desses dois atributos poéticos.

Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte. (I, 2)

E na língua, na qual quando [Vênus] imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a latina. (I, 33)

A verdade que eu conto, nua e pura,  
Vence toda grandíloca escritura! (V, 89)

É não se ver prezado o verso e rima,  
Porque quem não sabe arte não na estima. (V, 97)

## Reflexões filosóficas

Tratam do “desconcerto do mundo”, da ação corrosiva do tempo e da precariedade da condição humana, temas constantes na poética camoniana. Note-se o tom sentencioso e de advertência contido na maioria dos versos, a revelar convicções pessoais decorrentes do pragmatismo filosófico do poeta, do qual não se excluem certos laivos de moralismo suasório. Em alguns casos, Camões deixa transparecer seu lado crítico, revelando descrença nos dirigentes da nação e no povo português e até mesmo nos religiosos, como se vê no Canto X, 150.

Que nunca tirará alheia inveja  
O bem que outrem merece e o céu deseja. (I, 39)

Não tornes por detrás, pois é fraqueza  
Desistir-se da cousa começada. (I, 40)

Que é fraqueza entre ovelhas ser leão. (I, 68)

Porque sempre por via irá direita  
Quem do oportuno tempo se aproveita. (I, 76)

Mas pôde suspeitar-se facilmente,  
Que o coração pressago nunca mente. (I, 84)

Que aonde a gente põe sua esperança  
Tenha a vida tão pouca segurança! (I, 105)

Que onde reina a malícia, está o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio. (II, 9)

E quem vos fez molesto tratamento  
Não pode ter subido pensamento. (II, 86)

Que um fraco rei faz fraca a forte gente. (III, 138)

Torne-vos vossas forças o rei novo,  
Se é certo que co rei se muda o povo. (IV, 17)

Que assim vai alternando o tempo iroso  
O bem c o mal, o gosto co a tristeza. (IV, 51)

Me disse: – As cousas árduas e lustrosas  
Se alcançam com trabalho e com fadiga. (IV, 78)

Melhor é exprimentá-lo que julgá-lo;  
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo. (IX, 83)

Melhor é merecê-los sem os ter,  
Que possuí-los sem os merecer. (IX, 93)

Não vence; que a vitória verdadeira  
É saber ter justiça nua e inteira. (X, 58)

Os que são bons, guiando, favorecem,  
Os maus, enquanto podem, nos empecem. (X, 83)

Que o bom religioso verdadeiro  
Glória vã não pretende nem dinheiro. (X, 150)

## Lirismo

Camões não seria Camões se não falasse do amor, tanto o espiritualizado, como o de Inês de Castro, quanto o sensual, das ninfas da Ilha dos Amores. O amor alegorizado do gigante Adamastor, as vicissitudes da vida e o comportamento moral do homem, tratados liricamente, também merecem destaque em seu poema épico. Nesse sentido, a presença do lirismo em *Os Lusíadas* constitui uma compensação, um feliz contraponto ao seu arrebatado conteúdo épico. Os que conhecem a obra lírica do maior poeta renascentista português sabem que, nesse ponto, ele foi insuperável.

Aconteceu da mísera e mesquinha  
Que depois de ser morta foi rainha. (III, 118)

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,  
.....  
A estas criancinhas tem respeito. (III, 127)

Cum saber só de experiências feito,  
Tais palavras tirou do experto peito; (IV, 94)

– Ó glória de mandar, ó vã cobiça  
Desta vaidade a quem chamamos Fama! (IV, 95)

Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo  
E, junto dum penedo, outro penedo! (V, 56)

Não somente [o amor] dá vida aos mal feridos,  
Mas põe em vida os inda não nascidos. (IX, 32)

Nuas, por entre o mato, aos olhos dando  
O que às mãos cobiçosas vão negando. (IX, 72)

## Patriotismo

Os versos abaixo são passagens lapidares que acabaram por se fixar na nossa memória coletiva, como é o caso dos fragmentos contidos nos Cantos I, 1, I, 3 e VII, 14. Impregnados de vibração patriótica, exaltam os feitos militares e marítimos dos portugueses, assim como enaltecem o próprio poema *Os Lusíadas*, contrapondo-o às epopeias fantasiosas da Antiguidade Clássica, ao ressaltar que os fatos nele narrados, ou

recriados literariamente, são verídicos, pertencem à História, e não à imaginação do poeta. O que fez Camões foi dar-lhes tratamento poético. E que tratamento!

Por mares nunca de antes navegados,  
 Passaram ainda além da Taprobana,  
 .....  
 E entre gente remota edificaram  
 Novo reino que tanto sublimaram. (I, 1)

Que eu canto o peito ilustre lusitano,  
 A quem Netuno e Marte obedeceram. (I, 3)

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
 Que outro valor mais alto se alevanta. (I, 3)

Que [o canto] se espalhe e se cante no universo  
 Se tão sublime preço cabe em verso. (I, 5)

Que não é prêmio vil ser conhecido  
 Por um pregão do ninho meu paterno. (I, 10)

Os vossos, mores cousas atentando,  
 Novos mundos ao mundo irão mostrando. (II, 45)

Mais razão há que queira eterna glória  
 Quem faz obras tão dignas de memória. (II, 113)

Defendei vossas terras, que a esperança  
 Da liberdade está na vossa lança! (IV, 37)

Na quarta parte nova os campos ara;  
 E, se mais mundo houvera, lá chegara. (VII, 14)

## Religiosidade

Apesar de recorrer à mitologia pagã como elemento alegórico, Camões faz questão de ressaltar, como se vê nos versos abaixo, a motivação cristã dos descobrimentos marítimos portugueses, que tinham por objetivo não só dilatar o Império, mas, sobretudo, a Fé, ou seja, o Cristianismo, levado às “terras viciosas” pelos navegantes lusos. Aliás, o texto de *Os Lusíadas* deixa bem claro que o grande inimigo dos portugueses eram os mouros “infiéis”, ou seja, os árabes propagadores do islamismo.

Pouco val coração, astúcia e siso,  
Se lá dos céus não vem celeste aviso. (II, 59)

Quanto mais pode a Fé que a força humana. (III, 111)

É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,  
Que a tanto o engenho humano não se estende. (X, 80)

### Informações autobiográficas

Nas passagens abaixo, Camões se autodefine como soldado-poeta (Cantos VII, 79 e X, 155). Os versos revelam também que o genial autor de *Os Lusíadas* não tinha ilusões a respeito de seu próprio destino (Cantos X, 128 e X, 145), chegando a queixar-se da ingratidão de seus contemporâneos, que não souberam valorizar sua obra poética. Note-se, a propósito, o tom amargo e denunciador presente em alguns versos. Por outro lado, Camões faz questão de enfatizar, com certo orgulho, que seu estro poético é o resultado da conjugação de três fatores (a tríade é frequente em sua pena): estudo, experiência e talento (Canto X, 154).

Nũa mão sempre a espada e noutra a pena. (VII, 79)

Naquele cuja lira sonora  
Será mais afamada que ditosa. (X, 128)

O favor com que mais se acende o engenho  
Não no dá a pátria, não, que está metida  
No gosto da cobiça e na rudeza  
Duma austera, apagada e vil tristeza. (X, 145)

A disciplina militar prestante  
Não se aprende, Senhor, na fantasia,  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando. (X, 153)

Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiência misturado,  
Nem engenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se acham raramente. (X, 154)

Para servir-vos, braço às armas feito,  
Para cantar-vos, mente às Musas dada. (X, 155)

## CONCLUSÃO

As fórmulas lapidares acima estudadas traçam um esclarecedor perfil de Luís de Camões e destacam características importantes do imorredouro poema épico *Os Lusíadas*, obra-prima do Classicismo em terras lusitanas. Contribuem para fixar uma imagem singular do glorioso poeta renascentista português, ressaltam sua mundividência e certos aspectos relevantes de sua existência atribulada, para cuja perdição se conjuraram, em suas próprias palavras, “erros meus, má fortuna, amor ardente”. Essas fórmulas lapidares revelam também o gênio criativo e insuperável de Camões, autor da mais importante obra poética da literatura de língua portuguesa. Mas contribuem, sobretudo, para enfatizar o atributo mais notável do seu caráter: o de patriota, que, ao morrer, em 1580, quando Portugal caía sob o domínio da Espanha, pronunciou sua derradeira frase lapidar, coerente e genial como sempre: “Fui tão afeiçoado à minha pátria, que não me contentei de morrer nela, mas com ela”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* (ed. comentada). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Os Lusíadas* (org. Antônio José Saraiva). Porto: Figueirinhas; Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CIDADE, Hernâni. *Luís de Camões: a obra e o homem*. 4. ed. Lisboa: Arcádia, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Luís de Camões: o épico*. 4. ed. Lisboa: Bertrand, 1975.
- SARAIVA, Antônio José & LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 13. ed. Porto: Porto Editora, 1985.

---

Data de submissão: set./2012  
Data de aceitação: dez./2012